

Reflexões sobre o conceito de microprática

Reflections on the concept of
micropractice

Reflexiones sobre el concepto de
micropráctica

Pedro Henrique Cavallari¹

Jociele Lampert²

1 Bolsista de Doutorado Sanduíche no Exterior do CNPq. Atualmente Investigador visitante no CIE-BA/FBAUL/ULISBOA. Com doutorado em Artes Visuais em andamento na Universidade do Estado de Santa Catarina, é mestre em Artes Visuais pela mesma instituição. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9199191395094333>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0726-909>. E-mail: ph.cavallari@yahoo.com

2 Professora Titular na Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009). Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/714990293123122>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925>. E-mail: jocielelampert@uol.com.br

RESUMO

Este artigo consiste em apresentar levantamento teórico e apontamentos metodológicos sobre o conceito de micoprática, considerando o espaço de ensino e aprendizagem nas artes visuais e o estúdio de pintura como um laboratório. Considera-se em aproximação, conceitos sobre o termo micoprática em áreas de conhecimento dispares e correlatas, porém, o adensamento teórico estudado destaca a significação do procedimento metodológico em relação a arte e arte educação, a pensar a micoprática (pictórica) a partir da introdução de seu estabelecimento conceitual (teórico e prático) no contexto do Estúdio de Pintura Apotheke, que se configura como um Programa de Extensão Permanente vinculado à Universidade do Estado de Santa Catarina e em crescente perspectiva com ações interdepartamentais, interinstitucionais e internacionais, que compõem redes de aprimoramento teórico e metodológico. Em todas as aproximações destaca-se, com originalidade, o conceito com base na arte como experiência.

PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais; Ensino De Pintura; Experiência; Micoprática.

ABSTRACT

This article consists of presenting a theoretical survey and methodological notes on the concept of micropractice, considering the teaching and learning space in the visual arts and the painting studio as a laboratory. Concepts about the term micropractice in disparate and correlated areas of knowledge are considered, however, the theoretical consolidation studied highlights the significance of the methodological procedure in relation to art and art education, and considers micropractice (pictorial), from the introduction to its conceptual establishment (theoretical and practical) in the context of the Apotheke Painting Studio, which is configured as a Permanent Extension Program linked to the University of the State of Santa Catarina and in a growing perspective with interdepartmental, interinstitutional and international actions, which make up theoretical and methodological improvement networks. In all approaches, the originality of the concept stands out in art as experience.

KEY-WORDS

Visual Arts; Painting Teaching; Experience; Micropractice.

RESUMEN

Este artículo consiste en presentar un recorrido teórico y apuntes metodológicos sobre el concepto de micropráctica, considerando el espacio de enseñanza y aprendizaje en las artes visuales y el taller de pintura como un laboratorio. Se consideran conceptos sobre el término micropráctica en áreas dispares y correlacionadas del saber, sin embargo, la consolidación teórica estudiada destaca la trascendencia del procedimiento metodológico en relación con el arte y la educación artística, y considera la micropráctica (pictórica), desde la introducción hasta su establecimiento conceptual (teórico y práctico) en el contexto del Estudio de Pintura Apotheke, que se configura como un Programa de Extensión Permanente vinculado a la Universidad del Estado de Santa Catarina y en una perspectiva creciente con acciones interdepartamentales, interinstitucionales e internacionales, que conforman redes de mejora teórica y metodológica. En todos los enfoques se destaca la originalidad del concepto en el arte como experiencia.

PALABRAS-CLAVE

Artes Visuales; Enseñanza De La Pintura; Experiencia; Micropráctica.

Ideias de campo e campo de ideias: aproximações com a cultura visual

Os diferentes contextos da arte educação refletem processos arte educacionais que têm semelhanças e diferenças, marcando nas artes visuais uma cultura escolar e uma cultura acadêmica. Estas disparidades, segundo Lampert (2009, p. 14) advêm de uma postura tecnicista e polivalente (na educação básica), e de uma outra, política, técnica e artística (na academia). Esta última, privilegiada na Universidade, impulsiona o movimento criativo que se instaura “pautada no exercício de constante ir e vir do pensamento visual”. Esta disposição ao movimento, não poderia figurar fora do contexto imediato em que se faz arte e educação. A academia gesta uma suposta “leitura para formar”, já que seu contexto está sujeito a embates capazes de transformar o que se lê (OLIVEIRA, 2009, p. 218-219 apud LAMPERT, 2009, p. 15). A metáfora da leitura aqui serve para pensar a construção de uma cultura visual que privilegia a arte educação na Universidade, contexto que lhe gera as próprias bases para impulsionar a produção artística e a educação, em um fluxo absolutamente adequado para o processo de ensino e aprendizagem. Não obstante, faz-se necessário o questionamento: esta predisposição está presente na educação básica? Vejamos o que diz Lampert, descrevendo o alcance epistemológico da arte educação na Universidade:

Entende-se que tanto o conteúdo que é construído e reconstruído em cursos de formação docente, quanto a parte subjetiva desse conteúdo deverá tangenciar um pensamento vislumbrado em rede, para dar margem a toda contextualização e formas diferentes de narrativas visuais investigadas em uma Graduação (Idem; ibidem).

Ou seja, na Universidade há um conteúdo legitimado pelas ementas e desenhos curriculares, mas também, há conteúdos gerados do contexto sociocultural (local/nacional/global), bem como, conteúdos que tangenciam a estética do cotidiano. Muitas vezes, o conteúdo gerado pela ementa é desconectado do saber dos estudantes, bem como, do circuito e cotidiano, onde as artes inserem-se em relação ao que está próximo. Desta forma, o conteúdo aproxima-se também da construção, manipulação (montagem e estrutura) em dinâmicas pedagógicas que podem aproximar-se da visualidade fora do desenho das matrizes curriculares. Não se trata em olharmos especificamente para o conteúdo da ementa, mas buscar aproximar o saber arte, do fazer arte, ao viver arte e perceber arte no cotidiano, assim, a potência de ações (práticas e teóricas) se fundamentam no processo cultural visual oriundo das artes visuais, na vida contemporâneas. Isto significa que fazem parte do arcabouço da cultura visual um regime de visualidade que conjuga história da arte, filosofia e crítica de arte como ações artísticas da comunidade circundante, bem como, da estética do próprio cotidiano. Esta definição de cultura visual preza a desconstrução de todo e qualquer critério estético venha a valorar arte ou não arte. Sabendo isto, considera-se a primeira nota: articulação entre arte e vida, fora e dentro da escola.

Em conformidade, segundo Brea (2005, p.08), cabe aos estudos visuais

favorecer o crescimento de um campo elucidado de compreensão crítica, de seu funcionamento diferencial como práticas sociais efetivas - suportadas na comunidade de um repertório implícito e compartilhado de crenças e valores, na acumulação contemplada por montantes de capital simbólico³.

Nesta linha, se corrobora com a relevância para os estudos visuais, que está impregnada no contexto social. A ênfase na ideia de campo remonta, na linha de pensamento do autor, à fenomenologia e à linguística. Assim como, percebemos em (Cavallari, 2021, Notas filosóficas), teorias do conhecimento que se pautam na ideia de campo (linguístico, de significação) como fenômenos de primeira ordem. O que muda, entre um contexto de educação básica e/ou superior, é a própria caracterização da cultura visual (ou da visualidade), em questão para cada um dos casos – dois campos de significação e linguísticos oriundos de diferentes realidades – logrando ao papel individual e institucional da arte e arte educação, compreender a crítica do campo da cultura visual para melhor viabilizar sua atuação. Uma melhor descrição dos estudos visuais, que apoia a pensar no papel crítico que esta abordagem privilegia, segundo Brea (2005), seria estudos sobre a produção de significado cultural através da visualidade, que culmina na elucidação crítica das dinâmicas culturais e visuais, e se cumprem como configurações hegemônicas aos níveis da consciência social e histórica, em diferentes contextos culturais e épocas, assim como a atualidade do cotidiano escolar, neste aspecto, formador do campo de significados visuais que, para o autor, se inscreve a partir da sensorialidade fenomênica, e nunca em estado puro, mas plena de atos de ver extremamente complexos, “(textuais, mentais, imaginários, sensoriais, mnemônicos, midiáticos, técnicos, burocráticos, institucionais)” (Idem; p. 8-9).

Zamperetti e Bistrichi (2021) escreveram na Revista Apotheke (volume 7, número 2) e também apontam para a importância da experiência comum da realidade circundante em questões intimamente ligadas à vida dos sujeitos da experiência a fim de compreender a experiência singular da educação conforme Dewey (2011). Para o sujeito a experiência emana do comum, mas observá-la com propriedade requer atenção e pensamento sistematizado. O caminho que leva à experiência num contexto arte-educativo deverá considerar, por um olhar mais amplo, experiências cotidianas a que se está sujeito, desde virtudes a vulnerabilidades das relações entre os indivíduos e com o meio, pois estas experiências derivam para outras, como as formas estéticas compreendidas na experiência artística ou arte educativa, por exemplo.

Microprática pictórica: experiência no estúdio de pintura

Para contextualizar o verbete da microprática (pictórica), retomo o texto estúdio de pintura como campo da experiência estética, que aponta:

3 Tradução nossa

Conforme Lampert & Goulart (2017) o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC/CNPq) tem ações em pintura dentro e fora da Universidade do Estado de Santa Catarina. Lampert (2015, 2020) indica via editorial da Revista Apotheke que as ações do projeto se estendem desde 2014 a atualmente [2021]. Este projeto de extensão realiza encontros regulares no estúdio sala de pintura do Departamento de Artes Visuais na Universidade. Une teoria com prática e transpõe o processo de pintura à comunidade externa da Instituição, porque o grupo tem vindo a ser composto não apenas por estudantes regulares, mas artistas, professores de arte e pessoas afetuosas de arte. O Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke baseia-se na filosofia da arte como experiência (Dewey, 2010), tendo promovido encontros de leitura e discussão sobre o tema. Concomitantemente, há encontros para prática e exercícios em pintura, principalmente com base nas proposições sobre cor de Josef Albers (Albers, 2006) (CAVALLARI, 2021, Mesa, p. 44).

Durante o regime de distanciamento social durante a pandemia de COVID-19, conforme resolução da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), o programa de extensão desenvolveu diversas ações online, como se verifica pelo canal Estúdio de Pintura Apotheke na rede social YouTube, entre as quais figuram encontros semelhantes aos regulares do programa (presenciais antes de 2020), exemplos postos em Cavallari (2021), semelhança que se estende, tanto às ações de debates filosóficos e aulas abertas, quanto às micropráticas em pintura e estudos sobre cor segundo Josef Albers (ALBERS, 2006). A certa altura em Cavallari (Ibidem, Caderno, p. 16), o mesmo movimento migratório ocorre nas micropráticas pictóricas desenvolvidas durante aquela pesquisa. Cabe salientar que estes espaços e tempo online, embora tivessem sido difundidos enquanto micro espaço e micro tempo para experimentação prática e referência teórica, ainda assim, não foi o ponto inicial embora tenha sido (a partir da pandemia) instaurado o uso de plataformas como o Padlet, que se trata de uma carreta com registros onde a comunidade pode ter acesso a documentação, mas que, também, é possível interagir e postar/subir/baixar imagens e acompanhar de forma online, o trabalho de todos os presentes, como se estivéssemos sobre uma mesa no estúdio.

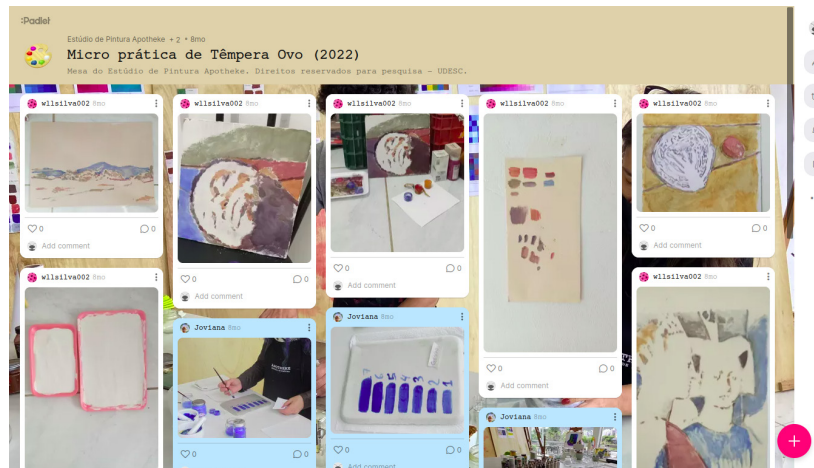


Figura 1: Impressão de tela da ferramenta virtual Padlet, utilizada como mesa do Estúdio de Pintura Apotheke durante o período de ensino remoto na UDESC (2020-2021), e incorporada às ações presenciais a partir de 2022. Exemplos de trabalhos experimentais de Joviana Jensen e Me. William da Silva. Disponível em: < <https://padlet.com/apothekestudio> >.

Em estudos sobre Dewey (2010), confirma-se que:

O autor vem de uma escola pragmática de filosofia e vê o pensamento como algo que pode ser organizado quando se adota um método de pensamento ordenado, assim como o método científico. Mas Dewey não opõe a ciência à arte, as vê como meios de organização e progresso. O autor também não se afasta do sensível por privilégio do inteligível, mas os pensa complementares, componentes de uma experiência singular (CAVALLARI, 2021, Chão, p. 24).

Ao estudar sobre o *estúdio de pintura como campo da experiência estética*, aprende-se que a experiência singular é estética e está profundamente ligada com o contexto em que se instaura – ou vários contextos – mediante a consumação sensível da experiência, acontecimento que faz com que a experiência seja realmente significativa.

Para Dewey (2010), é caro o conceito de experiência singular, que difere, na prática e ao nível do acontecimento mesmo, de uma experiência vaga que é, segundo o autor, inestética e passageira. O filósofo estadunidense John Dewey chama uma verdadeira experiência de experiência singular, em analogia à experiência da arte que consumada se presentifica na experiência do objeto e do sujeito, pois estas instâncias perpassam a unidade experiencial. Há uma unidade da experiência integrada ao mundo e os indivíduos que ali comungam. Quanto mais atrelada ao contexto e à situação, mais favorecidos serão seus significados estéticos, portanto, mais significativa será a experiência para aqueles que a têm. O autor evoca a experiência integral consumada pelo sujeito da experiência e, segundo esta leitura, no sentido geral há uma unidade experiencial do mundo. Esta unidade se compara ao trabalho artístico, que para o autor, é fundado numa experiência integral que estabelece, em meio à totalidade que é o processo artístico, ligações de toda sorte entre suas diferentes etapas, desde a pulsação da volição no

organismo vivo, passando pela consumação de uma forma de arte, até a conclusão predominantemente estética que é, não necessariamente a um produto ou obra final, mas a unidade experiencial da trajetória processual pela qual passa o sujeito, ou agente da experiência. (CAVALLARI, 2021, notas filosóficas, p. 5).

Com base na perspectiva da arte como experiência, o Estúdio de Pintura Apotheke propõe ações didáticas e artísticas constituídas e contextualizadas no estúdio de pintura como espaço gerador de consonâncias formativas. A partir de aulas abertas, minicursos e, especialmente, micopráticas pictóricas, onde as ações do grupo são integradas à produção dos participantes, acadêmicos da UDESC e membros da comunidade externa. Também como forma de articulação entre Graduação e Pós-Graduação, na área de Artes Visuais, especificamente sobre a formação docente e formação de artistas. Sobre este conceito vimos que

O adensamento das ações do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke levou a um conceito em arte/educação que movimentava o trabalho nos encontros do grupo: micoprática [grifo nosso] que, segundo Lampert, Goulart e Facco (2017) transpõe o conceito de oficina pois, para além do fomento do ofício, é trabalhada na “[...] espacialidade expandida para além de um suporte tradicional, não como um estudo de técnica ou leitura de manual, mas trata a pintura como um meio para narrativas poéticas [...]”. A micoprática é uma ação regida por uma experimentação que se alterna entre teoria e prática, na qual tateia-se o percurso em direção à resposta de um desafio composicional, ou uma forma de narrar o caminho poético que perfaz uma relação entre o tema proposto e as proposições formativas de cada indivíduo que participa dela. A dimensão de ensino da micoprática encaminha-se para o um objetivo concreto que emerge somente pelo emprego da presença corpórea no interior do estúdio de pintura, e essa presença é moção política. [...] Dentro deste espaço o processo pictórico é perfeito pelo ato de concomitantemente mover material pictórico e reflexão crítica, considerando o meio em que a produção se encontra. A micoprática pode acontecer em uma infinidade de contextos, mas suas variabilidade e viabilidade dependerão justamente das possibilidades de avanços em cada contexto. (CAVALLARI, Mesa, p. 46-47).

O conceito de micoprática pictórica tem em sua formulação a consideração do curso artístico e didático que se propõe em torno da linguagem pictórica e de um procedimento em pintura, como experiência singular, pois a todo momento a(o) participante é convidada(o) a aproximar o exercício de sua produção, tanto em forma das próprias referências que se parte em meio ao processo que se instaura, quanto como elemento gerador de outras experiências. A micoprática em pintura é vista como eixo gerador de micro contextos formativos sem dimensão ou impacto específicos no processo criativo, mas com a finalidade de colocar o(s) contexto(s) deste(s) processo(s) em movimento. Relevante salientar que micoprática não é uma oficina nos moldes de ensino de técnica, ou mesmo curso no sentido de adensamento. É um espaço de interação, colaboração, mediação e clínica de obra (outro conceito que o Estúdio de

Pintura Apotheke partilha de forma original no contexto educativo). O que se difere de uma oficina? Tem início, meio, fim e continuidade, pois tem uma possibilidade aberta para participação como canal de colaboração e interatividade.

Também é possível problematizar no âmbito da Universidade, o contexto de ensino, pesquisa e extensão em consonância. Em que consiste, a partir do histórico do programa de extensão Estúdio de Pintura Apotheke, a ação microprática em pintura, seu delineamento conceitual, suas características didáticas, formativas e metodológicas, e qual sua relação com o conceito de arte como experiência segundo Dewey (2010)?

Primeiramente é preciso adensar a relação da microprática em pintura como o conceito da arte como experiência, a fim de compreender como a microprática pode ser relevante (ao ensino de pintura), visto que o ensino perpassa a formação docente em artes visuais e, assim como as demais linguagens artísticas, carece constantemente de articulações teórico e práticas, que privilegiem o pensamento reflexivo sobre a práxis. Em termos de pesquisa pode-se sugerir que a microprática leva ao desenvolvimento didático e artístico, enquanto se constitui analogamente à arte como experiência. Considerando o planejamento, desenvolvimento de pós-produção, da prática e engajamento com tema e assunto.

Conceitos de microprática a partir de diferentes áreas do conhecimento

Uma pesquisa de âmbito preliminar via ferramentas de busca genérica na Internet revelou amplo uso do termo microprática via conteúdos em redes sociais (YouTube; Instagram), ligados estes a técnicas em meditação, Yoga e bem-estar, carecendo referencialidade teórica e/ou bibliográfica explícitas, o que leva a crer na comercialização de conteúdos com caráter prático para consumo rápido e direto por espectadores que buscam estratégias introdutórias às áreas mencionadas. O conteúdo apresentado via hashtags #microprática e #micropractice nestas redes se faz, em geral, por vídeos e/ou esquemas visuais com instruções rápidas para ações de curta duração e suposto impacto empírico pelos/nos/aos praticantes.

Em contrapartida, buscas nas ferramentas Google Scholar e Research Rabbit, levaram a acepções especializadas do termo microprática em literatura de língua portuguesa, variando a área de pesquisa entre Ciências Sociais e os Estudos Organizacionais, Linguística aplicada ao Ensino de língua inglesa, Administração em Estratégias e em Gestão Cooperativa.

Gontijo (2020) desenvolve, com base na Semiótica Material, uma tese intitulada “Micropráticas de poder e a arte da resistência”, na qual formulará ações que intitula micropráticas de poder, integradas às organizações (ou organizações não governamentais) e, no caso do estudo especializado, do movimento social das ocupações de moradia. Sob a luz de Foucault, o autor dirá que, no corpo social, Poder é uma rede produtiva (de significados) que se estabelece como indução dos

indivíduos ao prazer, ao consumo e aos significados sociais. Mas o Poder não é um polo oposto aos indivíduos, pois estes fazem parte desta rede. Entretanto, Gontijo cerceia ao termo microprática uma significação especializada, deixando no âmbito subjetivo, o significado do prefixo micro no que se refere às práticas organizacionais. O autor se refere diretamente às micropráticas como “relações de poder discursivas e não discursivas” (p. 186) e destaca o objetivo de engajamento dos indivíduos, aos quais estas ações permeiam, no crescimento dos coletivos. Na sequência apresenta a roteirização de uma microprática de poder, em forma de uma dinâmica de contação de histórias que possibilita a emulação das relações vivenciadas pelos membros da ocupação em comunidade, assim como numa dramatização. O autor utiliza o termo “assemblage” (p. 84) para caracterizar a significação da dinâmica como uma simulação da realidade dos próprios indivíduos. No mais, não empreende muitas vezes (14 vezes no texto todo, contando os elementos pré-textuais) mais o termo microprática, o qual subentendemos o significado de micro como ação delimitada em tempo e espaço, que pode ser reproduzida em outros contextos, com maior ou menor efetividade a depender do engajamento que, não é apenas o meio, mas também o objetivo das micropráticas de poder.

Os estudos encontrados sobre Linguística no Ensino de língua inglesa (DREY, 2019) utilizam o termo microprática de ensino de modo amplo, todavia, de forma naturalizada e que não o dissocia da ideia de prática, já que não há descrição epistêmica, nem explicitação na fundamentação teórica que lance luz sobre: origem do termo; significado do termo; arcabouço teórico original; ação singular, coletiva; ou qualquer delimitação de características do que é nominado microprática. No entanto, subentende-se, aqui, que uma microprática de ensino se caracterize por uma ação simples e de curta duração, quase imperceptível, inserida na prática pedagógica do professor de línguas, em variados contextos e níveis educacionais.

No campo da Administração o termo aparece na produção de autoras que teorizam sobre Gestão Cooperativa na administração de empresas (cooperativas, muitas vezes, agrícolas). Ainda que este modelo de gestão tenha fundamento socialista, as cooperativas se encontram alinhadas ao modo de produção capitalista. Com base em Michel de Certeau (2000) as autoras (GOUVÊA, J. B.; ICHIKAWA, E. Y, 2015, p. 92-107) desenvolvem o conceito de micropráticas cotidianas como estabelecimento formativo (ação formadora) da gestão cooperativa de modo coparticipativo. A partir do conceito de ações de resistência no dia a dia, contrapõem a economia capitalista de modo sutil, por meio de microrresistências, mas com importância na ressignificação da realidade. O autor referência (CERTEAU, 2000) desenvolve sobre as artes do fazer no contexto capitalista, a pensar os modos de existir socialmente, mediante processos artesanais (bricolagens) que não aderem completamente aos modos de fazer impostos pelas indústrias (mediática, cultural, produtiva, alimentícia). O objetivo das microrresistências seria interromper o fluxo direto da imposição comercial e comercializada que o capital emprega nas trocas materiais e simbólicas, para formar um modo de existir e de fazer próprios, ressignificados.

Ainda nas Ciências Sociais Aplicadas, área da Administração, o conceito de

micropráticas de Média Gerência é considerado importante para desenvolver Capacidades Dinâmicas, por Cruz et al. (2020) e Cruz et al. (2021). De maneira bem fundamentada, as autoras defendem a estratégia de Média Gerência na administração de empresas como um modelo eficaz na atuação dos grupos de gestão média, não opondo a alta gestão (gestores de alta escala em grandes corporações), mas a complementar as estratégias de gerência via respostas mais dinâmicas às variáveis de competição de negócios. Com base em “Floyd & Wooldridge, 1992; 1997; Pappas & Wooldridge, 2007; Mantere, 2008; Ahearne et al., 2014” (apud Cruz et al., 2021, p. 69), as chamadas micropráticas da Média Gerência consistem em, entre quatro a cinco ações específicas, a variar pelo autor, que têm objetivo em dinamizar o processo gerencial, emancipando da alta gerência, a autonomia da gestão média, desde a apresentação de alternativas gerenciais e facilitação para sua implementação, até estratégias deliberadas de gestão, passando pela sintetização das informações respectivas a este processo, garantindo, assim, a efetiva comunicação com setores superiores de gestão. A Média Gerência, segundo as mesmas autoras, é tangenciada por outras três dimensões de ações relativas às capacidades dinâmicas que são, por sua vez, imperativas às micropráticas: percepção, aproveitamento e reconfiguração (Teece, 2007, p. 1342 apud Cruz et al., 2021, p. 71).

As autoras propõem um estudo aplicado das micropráticas em seis empresas da região de Belo Horizonte, MG, traçando perfil metodológico em que destacam o caráter teórico e empírico da pesquisa. Dentre os principais aspectos da pesquisa, as autoras enumeram ser esta uma pesquisa (1) pós-positivista, que gera conhecimento com base na observação de uma realidade objetiva sobre os comportamentos de indivíduos, (2) estratégia de pesquisa qualitativa que não pode ser significada fora de seu contexto objetivo, (3) objetivada na descrição das micropráticas desempenhadas pela Média Gerência e suas relações com as capacidades dinâmicas, em meio a um (4) estudo de casos múltiplos, ressaltando que os estudos de casos podem levar a novos desenvolvimentos teóricos (Felin et al., 2015, p. 613 apud Cruz et al., 2021, p. 72).

Conforme este levantamento sobre diferentes definições de micropráticas, elaboramos a seguinte quadro:

Quadro 01 - Definições do conceito de microprática

| Autoria | Grande área | Área do conhecimento | Linha teórica | Conceito |
|---|-----------------------------|---|---|------------------------------------|
| Produtores de conteúdo para redes sociais | - | Yoga; Estilo de vida; Bem-estar | - | #microprática #micropractice |
| Gontijo, 2020 | Ciências humanas | Ciências Sociais; Teoria das organizações | Semiótica material | Micropráticas de Poder |
| Drey, 2019 | Linguística, Letras e Artes | Linguística | Linguística aplicada | Microprática de ensino |
| Gouvêa e Ichikawa, 2015 | Ciências Sociais Aplicadas | Administração de empresas | Gestão cooperativa; História e Teoria crítica | Micropráticas e microrresistências |
| Cruz <i>et al</i> , 2020 e Cruz <i>et al</i> , 2021 | Ciências Sociais Aplicadas | Administração de empresas | Teoria das Capacidades Dinâmicas | Micropráticas da Média gerência |
| Lampert <i>et al</i> , 2017 | Linguística, Letras e Artes | Artes visuais; Ensino de Artes visuais | Pragmatismo | Micropráticas pictóricas |

Fonte: Estúdio de Pintura Apotheke

O estado da arte na microprática em pintura

Compreender o conceito de microprática pictórica em sua dimensão procedimental em arte, arte educação e desenvolvido no Estúdio de Pintura Apotheke no âmbito do histórico de ações e publicações no campo teórico sobre Pintura e Ensino de Artes Visuais, remonta às primeiras publicações da Revista Apotheke em 2015 (volume 1, número 1).

Para ver a descrição dos procedimentos didáticos e artísticos que virão a ser, mais tarde, denominados micropráticas⁴, e então, micropráticas pictóricas, congrega-se em Rocha (2015) a discussão, que descreve e demonstra resultados das práticas em (1) monotipia a óleo, (2) cianotipia, (3) bidimensional encáustica, (4) suminagashi, (5) manufatura de tintas óleo e acrílica, (6) têmpera. As práticas descritas pelo autor foram realizadas no contexto dos encontros regulares no Grupo de Estudos do Estúdio Apotheke, durante o ano de 2014 no Centro de Artes, Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, viabilizadas por meio de extensão (UDESC/CNPq). Rocha (2015) explica que as práticas teriam sua delimitação espaço-temporal

⁴ Sobre o léxico do termo 'microprática': o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, após a caracterização teórica e metodológica dos procedimentos assim denominados em diferenciação do conceito de 'prática' adota, primeiro, o composto 'micro prática' separadamente, que passa, em algumas circunstâncias à 'microprática'. Após o ano de 2022, a partir de definição interna, se sinaliza a adoção unificada de 'microprática' pelo Grupo.

a encontros individuais no ateliê de pintura da UDESC, com duração aproximada de quatro horas, cada, não excluindo a continuidade dos trabalhos iniciados nas proposições via poéticas individuais de cada participante das ações. Ou seja, desde o início houve a intenção de continuidade e movimento de aprendizagem, visto que tais ações eram desenvolvidas no âmbito do grupo de estudos, ação de extensão do Estúdio de Pintura Apotheke. A partir da analogia das experimentações, o autor conclui que tais práticas, oportunizaram conexões entre teoria e prática, por meio de descobertas de novas possibilidades em técnicas conhecidas, mas que agem como “meio para externar a subjetividade poética pela prática vivenciada” (Idem, p. 106).

A definição da abordagem no ensino de pintura no “espaço ampliado” do estúdio de pintura, que objetiva o “estudo dos processos pictóricos, e não da pintura como meio tradicional, mas em “campo expandido” vista em Rocha (2015, p. 88) concorda com a noção de “microprática” (Lampert, Goulart e Facco, 2017), previamente mencionada. Este sentido ampliado refere-se à ocupação do estúdio de pintura na totalidade de sua experiência, sem cisões entre contexto e o sujeito da experiência. A superação da aula de pintura como espaço-temporalidade restrita ao ensino de pintura nos moldes tradicionais, sustentada por um estudo da arte clássica ou moderna, dá lugar à proposição de experimentações que derivam para a crítica e autocrítica integrada ao curso da experiência como arte (Arte como experiência, DEWEY, 2010), irrompe os papéis de professor e estudante, educação bancária ou apenas condição técnica, para a experimentação da pintura posta em movimento pelo desafio pictórico legado a cada microprática que é, ao mesmo tempo, experimento em pintura e ensino de pintura. Objetivando-se então, uma formação para a experiência de âmbito artístico e pedagógico, independentemente de objetivos individuais de cada participante, mas, ao contrário, com forte sentido de sociabilidade.

Conforme Dewey (2010) à experiência singular compete uma conclusão de caráter estético, que está ligada, na linha do que se pensa e produz no Estúdio Apotheke, tanto ao sentido didático, quando artístico das micropráticas, pois o percurso do desafio é, necessariamente, analisado coletiva e reflexivamente pelo grupo ao fim da proposta. Há centralidade da filosofia da arte como experiência (DEWEY, 2010) na pesquisa dos autores ligados ao Estúdio Apotheke indexados a partir dos verbetes “microprática” e “pintura”. O termo microprática também pôde ser encontrado na literatura do Professor Doutor Fábio Wosniak (WOSNIAK, 2019), enumerado junto aos demais membros do Estúdio Apotheke no ano de 2014, e mencionados por Rocha (2015, p. 88). A tese de doutoramento “experiência, formação docente, artes visuais”, apresenta, quatro vezes o termo, mas não traz uma conceituação específica do termo. As “Palavras-chave: Experiência Estética; Formação Docente; Arte Educação; John Dewey; Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke” (WOSNIAK, 2019, p. 8), contudo, revelam interesse em outra delimitação, relacionada à experiência estética como formação docente em arte educação com base em John Dewey no contexto do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke – fenômeno intimamente consoante à microprática pictórica como experiência. Já o significado do conceito de microprática permanece ali subentendido, sem delineamento específico, entre as 211 menções

ao termo “prática; prática docente; prática artística; teórico-prática; práticas estético-artísticas; prática estético-reflexiva”, entre outras. Uma leitura interpretativa leva a crer nas micropráticas brevemente mencionadas como proposições em pintura, com suas especificidades, derivadas de aulas, entre outras ações pedagógicas e artísticas, e que derivam também, de volta para elas em forma da experiência estética que envolve todas as fases do processo docente e artístico. Hoje também, é possível observar com dados de pesquisa, que as micropráticas são possíveis espaços para adensamento de coleta de dados de teses e dissertações, visto também o caráter de interação e continuidade proposto.

No artigo germinal das micropráticas pictóricas, Rocha (2015) menciona em nota a relação de sua pesquisa com a disciplina “Sobre ser artista professor” do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, curso ministrado e que teve suas ações adensadas no livro “Sobre ser artista professor” (LAMPERT, 2015). Nesta referência, Lampert situa a noção de artista professor na dissolução da dualidade formativa de artistas e professores, com base em sua atuação docente na graduação e pós-graduação em Artes Visuais. Ao reestabelecer o diálogo sobre o assunto da Arte Educação, salienta que no processo de pesquisa em Artes Visuais, apesar de variadas metodologias (qualitativa, estudo de caso, fenomenológica), com base em Sullivan (2005), carece o emprego das metodologias artísticas e da experimentalidade. Neste sentido situam-se abordagens mais amplas, como a A/r/tografia (DIAS e IRWIN, 2013), a pesquisa educacional baseada em arte, a investigação baseada em arte, ou mesmo abordagens de caráter processuais como bricolagens ou “Thinking made visual”, porém todas as abordagens, carregam o cerne o fazer/agir/sentir e encontram possíveis elos na Abordagem Triangular (BARBOSA, 2010). Consta-se que não se trata de uma abordagem ou metodologia, mas sim, uma escolha de acordo com o contexto no qual o direcionamento da cena pedagógica pode ser composto: documentação, proposição (chamada no Estúdio de Pintura Apotheke de desafio, conforme referência de Josef Albers), que também serve para referenciar métodos que correlacionam teoria e prática, pautados em práxis educativa e ações reflexivas.

Via conagraçamento de teoria e prática, instaura-se a atuação do artista professor, uma espécie de agente duplo de ensino e produção artística que se aproxima do conceito de arte como experiência (Dewey, 2010 apud Lampert, 2015, p. 10-11), pois recorre às articulações “saber/fazer/sentir” e “poética/prática/teoria” no adensamento das ações experimentais que regem o trabalho pedagógico e artístico. Ler, pesquisar, produzir arte se tornam elementos ativos na ação artística e docente, em um constante embate com “hábitos enrijecidos” (p. 11), como um modo de formar pesquisa que reverberará, tanto didática, como artisticamente.

Conforme a percepção levantada em Cavallari (2021), a ação pela microprática em pintura deverá levar em conta: a contextualização didática e estética proposta, já que, para a filosofia da arte como experiência, o contexto (social, cultural, biológico) configura um eixo central no processo educativo em Artes Visuais; a continuidade da experiência instituída pelo desafio pictórico, já que o propósito formativo em questão nem sempre é finalizado ao término dos encontros e, inclusive, convida a [re]produzir marcas ou

caminhos no processo criativo do sujeito da experiência (participante da microprática); a interação ou sociabilidade pois, como já mencionado, há o envolvimento físico e social, concreto e abstrato, dos e pelos participantes da proposta artística comum, em uma constante troca e abertura ao diálogo de referências, métodos e formas.

As micropráticas em pintura tangenciam diferentes técnicas, por isso seu conceito transpõe a ideia de oficina de técnica. Apresentam referências artísticas pluriculturais, e também valorizam as próprias referências estéticas daqueles que participam em forma de convite a que o/a artista estudante envolvido/a integre alguma parte da ação proposta a seu processo criativo-poético, visando alguma inferência em seu processo para além do término, propriamente, do encontro. Seus espaço e temporalidade são ambíguos pois, apesar de durarem em torno de três a quatro horas, as ações tendem à ocupação ampliada do estúdio, além de reverberarem amanhã, na dimensão poética individual dos envolvidos/as. As delimitações temporal e espacial mencionadas são importantes pois, além da experimentação, outra dimensão da experiência é o pensamento reflexivo (DEWEY, 1979), consumado pela parte final da proposição, fase chamada clínica (ou clínica de obra) das produções realizadas, então, por meio da qual o grupo se reúne para comentar e [re]pensar soluções diversas, compartilhar percepções, estabelecer olhar crítico sobre o processo, socializando nuances da experiência.

Estas características da microprática balizam a ação proposta, primordialmente, rumo à instauração de condições adequadas de trabalho artístico-poético, didático pedagógico, contexto do qual deverá derivar produção de caráter experimental por cada participante. As ações pictóricas coordenadas, estão sempre ligadas à disponibilidade de material de trabalho e referências artístico-visuais no contexto imediato dos participantes. Neste sentido, vindo a/o artista/professor/pesquisador coordenador(a) trabalhar com antecedência e presentidade colaborativa junto aos/às artistas-estudantes, para que este quadro se instaure adequadamente no espaço de trabalho em questão.

Notas de continuidade

Em conformidade com o estudo do conceito de experiência em Dewey (1979, 2010, 2011), tema ao qual o filósofo se lança constantemente em sua obra e que rege as ações do Estúdio de Pintura Apotheke, berço das proposições que geram o interesse da atual pesquisa e presente textualidade, entende-se que a microprática pictórica, enquanto experiência estética que envolve o pensamento reflexivo, tenda à continuidade pois, coisa viva, a experiência cresce e se inscreve em todas as instâncias da vida do sujeito da experiência.

O contexto da experiência é, conforme Dewey (2010) um elemento de primeira ordem para compreendê-la. Assim, tais aspectos contextuais e sociais, acerca da microprática pictórica poderão ser analisados, também, em conformidade com a teoria

da Cultura Visual/Estudos visuais (BREA, 2005; LAMPERT, 2009) como perspectiva que se pensa pela formação cultural e estética em relação ao contexto cultural visual de um fenômeno/manifestação em questão, seja nas Artes Visuais ou na Arte Educação.

Justificamos esta pesquisa centralmente pelo fundamento teórico da arte como experiência entendida como transbordamento do contexto social, cultural e estético por meio de ações didáticas e artísticas realizadas pelo sujeito da experiência (ex.: ações destes pesquisadores, entre outrem), mas principalmente, entendemos a filosofia da experiência como essencial para pensar o elemento de continuidade da microprática devido a noção de experiência singular como viva e crescente. A arte, entendida como experiência singular conforme Dewey (2010), tem profunda ligação com outras instâncias da vida do sujeito da experiência, entre as quais estão, também, o contexto social para o qual a arte aponta e de onde vem, corroborando assim com os fundamentos da Cultura Visual/Estudos visuais.

À semântica do prefixo micro visualizamos, conforme Gouvêa e Ichikawa (2015), acepção de interesse na microrresistência fundamentada por Certeau (2000), que deverá dar luz a novos estudos futuros. Ademais, a relação entre os elementos micro, meso, macro encontrados em Cruz (2021, 2022) também configuram interesses de continuidade para esta pesquisa.



Figura 2: Microprática de têmpera experimental (2022), ministrada por Joviana Jensen, Me. William da Silva e Profa. Dra. Jocielle Lampert. Acervo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke. Disponível em: < <https://padlet.com/apothekestudio> >.

Referências

APOTHEKE, Estúdio de Pintura. **Estúdio Apotheke(Padlet)**. Disponível em: < <https://padlet.com/apothekeestudio> > Acesso em 24. fev 2023.

APOTHEKE, Estúdio de Pintura. Estúdio de Pintura. **Estúdio Apotheke (YouTube)**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/EstudiodePinturaApotheke> > Acesso em 24. fev 2023.

APOTHEKE, Estúdio de Pintura. Estúdio de Pintura. **Estúdio Apotheke (site)**. Disponível em: < <https://www.apothekeestudiodepintura.com> > Acesso em 24. fev 2023.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo-SP, Cortez, 2010.

BREA, José Luis. **Los Estudios visuales: Por una epistemología política de la visualidad**, 2005. IN: BREA, José Luis (Editor). **Estudios visuales: La epistemología de la visualidad en la era de la globalización**. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2005.

CAVALLARI, P.H. **Estúdio de pintura como campo da experiência estética: Um estudo a/r/tográfico** (dissertação de mestrado). UDESC-BU, 2021.

CRUZ, M. de A.; CORRÊA, V. S.; DINIZ, D. M.; VAZ, S. L. **Micropráticas da média gerência e sua relação com capacidades dinâmicas**. Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM), v. 19, n. 2, p. 66-86, Apr./June 2020. <https://doi.org/10.5585/riae.v19i2.15167>.

CRUZ, M. A. C., DINIZ, D. M., CORRÊA, V. S. **CAPACIDADES DINÂMICAS E MICROPRÁTICAS DA MÉDIA GERÊNCIA**. IN: Revista de Administração Unimep. ISSN 1679-5350. v19 n1 janeiro – abril, 2021, p. 185 - 207.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John.. **Como pensamos: Atualidades pedagógicas**. Editora Nacional, 1979.

DEWEY, John.. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DIAS, Bedlinson; IRWIN, Rita. **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

DREY, R.F. **O ensino de Língua Inglesa na prática: micropráticas de ensino como estratégia de formação inicial de professores de língua estrangeira**. TEXTOS FCC, São Paulo, v. 57, p. 33-51, nov. 2019.

GONTIJO, Felipe Marques Carabetti. **Micropráticas de poder e a arte da resistência [manus-crito]: uma abordagem semiótica material sobre a constituição de organizações em luta** (Tese de doutorado), FACE/UFMG, 2020.

LAMPERT, Jocielle. **Arte Contemporânea, cultura visual e formação docente**. 2009. 159f. Tese (Doutorado Escola de Comunicações e Artes - ECA) Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

LAMPERT, Jocielle; GOULART, Tharciana; FACCO, Marta. **A pesquisa em arte na arte educação**: reflexões sobre 'invenções' no ateliê de pintura, In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. P.4161-4174.

PROEX, UDESC. **EDITAL 01/2021** - PAEX-PROCEU/UDESC. IN: PROEX, UDESC. (Site). Disponível em: <<https://www.udesc.br/proreitoria/proex/extensao/editais>> Acesso em: 24 fev. 2023.

ROCHA, J. C. **Experiências Poéticas**: um relato de estudos teóricos e práticas artísticas do Artista/Pesquisador. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2015. DOI: 10.5965/24471267112015087. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/6557>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SULLIVAN, Graeme. **Art Practice as Research**: Inquiry in Visual Arts. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

WONIAK, Fábio. **Experiência, formação docente, artes visuais**. (Tese de doutorado). U-DESC-BU, 2019.

ZAMPERETTI, M. P.; BISTRICHI, C. R. **A experiência de vida das múltiplas infâncias e juventudes adolescentes na pandemia do Covid-19**: Dewey e as práticas pedagógicas no ensino de Artes Visuais. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2021. DOI: 10.5965/24471267722021176. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/20453>. Acesso em: 10 fev. 2023.

Submissão: 28/02/2023

Aprovação: 20/03/2023